

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 by Ships At A Distance, Inc.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Year of Yes*

Título: *O Ano do Sim – Dançar à chuva, viver ao sol e aceitar desafios*

Autor: Shonda Rhimes

Tradução: Isabel Canhoto

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Marina Costa/Marcador Editora

Imagem, textura de fundo e elementos gráficos: © Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-240-4

Depósito legal: 408 519/16

1.^a edição: maio de 2016

Olá

Sou velha e gosto de mentir (uma espécie de desresponsabilização)

Sou mentirosa.

E não me interessa quem saiba.

E invento coisas todo o tempo.

Antes que comecem a especular sobre o meu carácter e a minha sanidade... permitam que me explique. Invento coisas porque tenho de o fazer. Não é simplesmente algo de que gosto. Quero dizer, gosto *mesmo* de o fazer. Tenho imenso prazer em inventar coisas. Voos de imaginação de cruzar os dedos atrás das costas põem o meu motor a vibrar, fazem o meu regalo, excitam-me.

Gosto mesmo de inventar coisas.

Adoro.

Também está assim a modos que enraizado em mim. O meu cérebro? O meu cérebro naturalmente inclina-se na direcção das meias-verdades; o meu cérebro vira-se para a ficção. Como uma flor ao sol. Como escrever com a mão direita. Inventar é como um mau hábito que sabe bem, fácil de apanhar, difícil de abandonar. Congeminar enredos rebuscados, tecer malhas feitas de histórias, é o meu pequeno vício canalha. E gosto dele.

Mas não é só um mau hábito. Preciso de o fazer. Tenho de o fazer.

É que... o que é inventar coisas?

É um emprego.

De verdade.

Seramente.

Aquela mesmíssima coisa que me punha de joelhos na igreja no intervalo a recitar o terço para uma ou outra freira na Escola Católica de Santa Maria, em Park Forest, Illinois, é um emprego honesto e real, juro por Jesus, Maria e José.

– Não digas a ninguém, mas a minha mãe? Fugiu da Rússia. Estava noiva deste tipo, Vladimir... teve de deixar o amor da vida dela para trás e tudo. É tão triste. E agora tem de fazer de conta que é uma americana normal, senão podemos ser todos mortos. *Claro* que falo russo! *Duh!* O quê? Ela é uma *negra* russa, estúpida. Como uma branca russa. Mas negra russa. Seja como for, não interessa o tipo de russa que ela é, nós nunca podemos ir lá, nunca, ela morreu para aquela gente. Por tentar assassinar Leonid Brezhnev. Como assim, *porque?* Tu não sabes nada? Para impedir a guerra nuclear. Para salvar a América. *Duh.*

Seria de esperar que eu tivesse créditos extra por saber quem é Leonid Brezhnev. Seria de esperar que me dessem pontos extra por me manter a par da política russa. Seria de esperar que alguém me agradecesse por instruir os meus colegas de dez anos sobre a Guerra Fria.

Joelhos. Igreja. Terço. Freiras.

Consigo recitar o terço a dormir. *Já* recitei o terço a dormir.

Inventar coisas é responsável por isso. Inventar coisas é responsável por tudo – o que tenho feito, o que sou, o que tenho. Sem os contos, a ficção, as histórias que engendrei, é bem provável que, atualmente, eu fosse uma bibliotecária muito pacata em Ohio.

Em vez disso, os frutos da minha imaginação alteraram qualquer caminho descendente que as freiras da escola esperassem que a minha vida tomasse.

As coisas que inventei transportaram-me do pequeno quarto que partilhava com a minha irmã Sandie nos subúrbios de Chicago

para um dormitório numa universidade da Ivy League¹ nas colinas do New Hampshire, e depois levaram-me para Hollywood.

O meu destino assenta decididamente na minha imaginação.

As histórias pecaminosas que me granjearam orações como penitência durante o intervalo são as mesmas que agora me permitem comprar uma garrafa de vinho mais um bife na mercearia, e não me preocupar com o preço. Ter a possibilidade de comprar vinho e bifos e não pensar no preço é muito importante para mim. Era um objetivo. Porque, quando era uma estudante de pós-graduação na escola de cinema, vivendo com dificuldades, por vezes não tinha dinheiro. E, por isso, tinha de *escolher* entre vinho e coisas como papel higiénico. Bifes nem sequer entravam na equação.

Era vinho ou papel higiénico.

Vinho.

Ou.

Papel higiénico.

O papel higiénico nem sempre ganhava.

Por acaso, vi-vos lançar-me um olhar? Isso foi... *estão a julgar-me?*

Não. Vocês *não* vão entrar neste livro e julgar-me.

Não é assim que vamos começar esta viagem. Lá mais para a frente na viagem vamos abrandar. Estamos juntas neste livro, minha amiga. Por isso, aquela que não tiver vinho que lance a primeira pedra. Caso contrário...

Às vezes, o papel higiénico não ganha.

Às vezes, uma mulher falida precisa mais de vinho.

Portanto, têm de me dar algum desconto se não pedir desculpa pelo amor que sinto pela magia de um pouco de embustice e de mentira.

Porque invento coisas para ganhar a vida.

Imaginar é agora o meu trabalho. Escrevo séries para televisão. Invento personagens. Crio mundos inteiros na minha cabeça. Acrescento palavras ao léxico das conversas quotidianas – talvez você fale sobre a sua *vajayjay* e diga aos amigos que alguém na

¹ Conjunto de oito universidades, as mais prestigiadas, dos Estados Unidos: Brown (Rhode Island, Providence), Colúmbia (Nova Iorque), Cornell (Ithaca, Nova Iorque), Dartmouth (Hanover, New Hampshire), Harvard (Cambridge, Massachusetts), Pensilvânia (Filadélfia, Pensilvânia), Princeton (Princeton, Nova Jérсия) e Yale (New Haven, Connecticut). (N.T.)

empresa foi *Popada* por causa das minhas séries. Faço nascer crianças, ponho fim a vidas. Danço a situação. Uso o chapéu branco. Opero. Combato. Exonero. Invento histórias e urdo tramas e sento-me à volta da fogueira. Embrulho-me em ficção. A ficção é o meu trabalho. A ficção é a questão. A ficção é tudo. A ficção é a minha *química*.

Sim, sou mentirosa.

Mas agora sou uma mentirosa *profissional*.

Anatomia de Grey foi o meu primeiro verdadeiro trabalho em televisão. Ter uma série que criei a ser o meu primeiro verdadeiro trabalho em televisão significou que eu não sabia nada sobre trabalhar em televisão quando comecei a dirigir a minha própria série. Perguntei a todos os argumentistas de televisão com quem me cruzei que tipo de trabalho era este. Recebi imensos bons conselhos, a maior parte deixou bem claro que cada série era uma experiência específica e diferente. Com uma exceção: todos os argumentistas que conheci comparavam escrever para televisão a uma coisa – assentar a linha para um comboio que se aproxima.

A história é a linha e temos de continuar a assentá-la por causa do comboio. O comboio é a produção. Continuamos a escrever e a assentar a linha, sem apelo nem agravo, porque o comboio da produção vem na nossa direção – sem apelo nem agravo. A cada oito dias, a equipa precisa de começar a preparar novo episódio – encontrar os locais, construir cenários, conceber o guarda-roupa, descobrir adereços, fazer os planos. E a cada oito dias depois disso, a equipa precisa de *filmar* novo episódio. A cada oito dias. Oito dias para preparar. Oito dias para filmar. Oito dias, oito dias, oito dias, oito dias. O que significa que, a cada oito dias, essa equipa precisa de um guião novinho em folha. A. Cada. Oito. Dias. Aquele comboio da produção vem aí. A cada oito dias é bom que aquela equipa naquele cenário tenha alguma coisa para filmar. Porque o pior que podes fazer é deter ou descarrilar a produção e custar ao estúdio milhares de dólares enquanto todos esperam. É assim que se passa de argumentista de televisão a argumentista de televisão fracassada.

Por isso, aprendi a assentar a linha rapidamente. Engenhosamente. Criativamente. Mas tão rápida como um maldito relâmpago.

Assenta um pouco de ficção sobre ela.

Espalha um pouco de história nessa fenda.

Prega um pouco de imaginação à volta dessas arestas.

Sinto sempre o calor do comboio a acelerar na parte exterior das minhas coxas, nos meus calcanhares, nas minhas omoplatas e nos cotovelos, no assento das minhas calças quando ele ameaça trucidar-me. Mas não dou um passo para o lado e deixo o ar fresco bafejar-me o rosto enquanto vejo o comboio a passar por mim a toda a velocidade. Nunca dou um passo atrás. Não porque não possa. Porque não quero. A faina não é isso. E para mim não há melhor faina à face da Terra. A adrenalina, a aceleração, o... eu chamo-lhe o *zumbido*. Há um zumbido que acontece na minha cabeça quando atinjo um certo ritmo de escrita, uma certa velocidade. Quando assentar a linha passa de sentir como quem escala uma montanha com as mãos e os joelhos para sentir como quem voa sem esforço. Como quebrar a barreira do som. Tudo dentro de mim se altera. Quebro a barreira da escrita. E o sentimento de assentar a linha muda, transforma-se, altera-se de esforço para exultação.

Tornei-me boa nisto, a invenção de coisas.

Podia mentir nos Jogos Olímpicos.

Mas há outro problema.

Sou velha.

Não velha de agitar o punho e vociferar se pisarem o meu relvado. E não velha do tipo idoso enrugado reverenciado. Não sou velha por fora. Quer dizer, por fora tenho *bom* aspeto.

Tenho um aspeto *jovem*.

Não pareço velha e provavelmente nunca parecerei. A sério. Nunca envelhecerei. Não porque seja vampira ou uma coisa assim.

Nunca envelhecerei porque sou filha da minha mãe.

A minha mãe? Tem um aspeto incrível. No máximo, num dia mau, parece uma mulher de vinte e cinco anos ligeiramente preocupada que talvez tenha tido uma festa ligeiramente animada de mais na noite anterior. Quer dizer, a mulher está quase nos... bem... ela não vai gostar se vos disser. Por isso, vamos pôr as coisas assim: a minha mãe tem seis filhos, dezassete netos e oito bisnetos. Quando a vejo, gosto de lhe dizer que ela se «mantém escorreita».

Sobretudo porque a indigna. Mas também porque a faz rir. Em especial porque todos sabemos que é verdade. Mas secretamente digo-o porque é uma espécie de alívio para mim – sei que posso aspirar àquele rosto no futuro.

As mulheres da minha família? Ganhámos a lotaria genética.

Acham que estou a brincar?

Não estou.

Quando for mais velha, vou ficar ao lado do resto das mulheres da família, do lado da minha mãe, e gozar os benefícios que vêm com descontar esse bilhete vencedor. Porque não nos limitámos a ganhar essa lotaria, ganhámos a superlotaria, lindos. Todos os seis números – até o grande vermelho.

As minhas tias, as minhas primas, as minhas irmãs... deviam ver-nos a todas ao lado umas das outras, parecendo crianças de tiara. Nós, mulheres, descendentes da minha avó Rosie Lee? Temos um aspeto incrivelmente bom. O nosso negro não mancha – *a sério*. Como eu e a minha irmã Sandie gostamos de nos recordar mutuamente: «Seremos sempre as mulheres mais boazonas no lar dos velhos.»

E isto é o que é tão agri-doce e triste. Porque o meu cérebro...

O meu cérebro. Oh, o meu cérebro...

O meu cérebro é velho.

Mesmo velho.

Velho de mascar a comida.

Por isso, sim. Sim, vou ser uma das duas mulheres mais boazonas a viver no Centro de Idosos Sunset para Velhos que não Querem Viver como *Jardins Cinzentos*.

Enquanto, decididamente, irei ser uma beldade daquele baile de seniores, não me lembrarei de alguma vez ter tido a ideia de que era giro ser boazona num lar de terceira idade.

Posso ter ganho a lotaria genética por fora, mas por dentro...

Estamos a escolher entre vinho e papel higiénico aqui, percebem?

A minha memória não presta.

A coisa é subtil. Se não passasse todo o dia a precisar de me exprimir, a precisar de sacar palavras da minha cabeça, talvez nunca

tivesse reparado. Mas faço isso. Portanto, reparei. Se a minha primeira série de televisão não fosse uma série médica que me fez voar a gritar para um médico com certezas hipocondríacas de tumores e doenças cada vez que espirrava, talvez tivesse ignorado a coisa dizendo que era falta de sono. Mas foi. Por isso, não posso.

Nomes são esquecidos, pormenores de um acontecimento são confundidos com outro, uma história maluca que estou certa de que foi contada por um amigo foi na verdade contada por outra pessoa. As entranhas do meu cérebro são uma fotografia que se esbate, histórias e imagens a flutuar para lugares desconhecidos. Deixando porções de nada onde deveria estar um nome ou um acontecimento ou um local.

Qualquer pessoa que tenha visto *Anatomia de Grey* sabe que estou obcecada com a cura do Alzheimer. Qualquer pessoa que me conheça, mesmo vagamente, sabe que o meu maior medo é ficar com Alzheimer.

Por isso, estou absolutamente certa de que tenho. Estou *certa* de que tenho Alzheimer. Tão certa que levo a minha fraca memória e a minha histérica hipocondria ao médico.

Eu não tenho Alzheimer.

Ainda.

(Obrigada, universo. Tu és lindo e esperto. Tão lindo e tão esperto.)

Eu não tenho Alzheimer.

Sou simplesmente velha.

Vamos beber um copo à minha juventude.

O tempo não é meu amigo, pura e simplesmente. A minha memória está muuuito lentamente a ser substituída por espaços em branco. Os pormenores da minha vida estão a desaparecer. Os quadros estão a ser roubados das paredes do meu cérebro.

É cansativo. E desconcertante. E até divertido. E muitas vezes triste.

Mas.

Ganho a vida a inventar coisas. Fi-lo toda a vida. Pronto.

Sem nunca me ter comprometido com um plano, sem alguma vez ter ativamente tentado, ou ter compreendido que ia acontecer,

a contadora de histórias dentro de mim avança e resolve o problema. A minha mentirosa interior salta para se apoderar do meu cérebro e começa a urdir as tramas. Começa simplesmente a... preencher os espaços em branco. A pintar sobre o nada. A fechar as fendas e a unir os pontos.

A assentar linha para o comboio.

O comboio que vem aí dê por onde der.

Porque a faina é isso, linda.

Pôr ficção nela é o que *faz*.

O que me deixa com um enigma.

Este livro não é ficção. Não é sobre personagens que inventei. Não se passa no Seattle Grace nem na Pope & Associados. É sobre mim. Acontece na realidade. É suposto ser *apenas* os factos.

O que significa que não posso ornamentar. Acrescentar um pouco aqui ou ali. Nem pôr um pouco de fita brilhante ou uma mão-cheia de purpurinas sobre eles. Não posso criar um final melhor ou introduzir uma reviravolta mais excitante. Não posso simplesmente dizer que se lixe e optar pela boa história e recitar o terço depois.

Não posso inventar coisas. Preciso de vos dizer a verdade. Tudo o que tenho como base para trabalhar é a verdade. Mas é a *minha* verdade. E aí é que reside o problema.

Estão a ver, certo?

Portanto. Isto é a minha afirmação de desresponsabilização, acho.

Cada palavra individual deste livro é verdade?

Espero que sim.

Acho que sim.

Acredito que sim.

Mas como diabos me lembraria se não fosse?

Sou velha.

Gosto de inventar coisas.

Certo. É possível. Pode haver alguma linha aqui algures. Posso ter assentado linha para o comboio algures em todas estas páginas. Não tinha essa intenção. Não tentei fazê-lo. Acho que não o fiz. Mas é possível.

Vou dizer isto. Esta é a verdade de que me recordo. A verdade tal como a conheço. Tanto quanto uma velha mentirosa pode conhecer. Estou a fazer o meu melhor. E, portanto, se nem todos os detalhes ficaram corretos, bem...

... mais uma vez pelos lugares baratos, malta...

Sou velha.

E gosto de mentir.

Prólogo

Nu frontal

Quando me sugeriram que escrevesse sobre este ano, o meu primeiro instinto foi dizer não.

Escrever sobre mim própria é, em grande medida, como se tivesse decidido pôr-me de pé em cima de uma mesa num restaurante bastante respeitável, levantasse o vestido e mostrasse a toda a gente que não usava cuecas.

Que é como quem diz, é *chocante*.

Põe as partes de mim que eu geralmente mantenho em segredo em exposição.

Partes travessas.

Partes secretas.

Estão a ver, sou introvertida. Profundamente. Até ao osso. O meu tutano é introvertido. A minha expectoração é introvertida. Todas as células no meu corpo gritam-me continuamente a cada palavra que digito que escrever este livro é um ato anormal.

Uma senhora nunca revela a sua alma fora do seu *boudoir*.

Mostrar-vos um pouco de mim em nu frontal deixa-me nervosa e agitada, como se tivesse uma queimadura num sítio infeliz. Faz-me respirar mesmo fundo de forma estranha que soa como

um cão em pânico. Faz-me rir de modo inconveniente em lugares públicos sempre que penso que as pessoas o vão ler.

Escrever este livro deixa-me desconfortável.

E isso, cara leitora, é o objetivo. É toda a questão. E isso é, aliás, a razão por que o estou a escrever. Apesar da agitação e dos risos e do respirar.

Estar demasiado confortável foi o que começou tudo isto, em primeiro lugar.

Bem, estar demasiado confortável mais ouvir seis palavras surpreendentes.

Mais peru.

O ANO DO SIM

1

Não

– Tu nunca dizes sim a nada.

Seis palavras surpreendentes.

Isso é o início. É a origem de tudo. A minha irmã Delorse disse seis palavras surpreendentes e mudou tudo. Disse seis palavras e agora, ao escrever isto, tornei-me uma pessoa diferente.

– Tu nunca dizes sim a nada.

Ela nem sequer disse as seis palavras surpreendentes. Na verdade, resmungou-as. Os lábios mal se mexendo, os olhos atentos à grande faca de cozinha nas suas mãos, enquanto cortava legumes a um ritmo furioso, tentando bater o relógio.

sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim**sim

Estamos a 28 de novembro de 2013.

A manhã do Dia de Ação de Graças. Por isso, naturalmente, a fasquia está alta.

Ação de Graças e Natal sempre foram da esfera da minha mãe. Ela tem dirigido as nossas festas familiares com impecável perfeição. A comida sempre deliciosa, as flores sempre frescas, as cores a condizer. Tudo perfeito.

No ano passado, a minha mãe anunciou que estava cansada de todo esse trabalho. Ela fazia-o *parecer* simples, o que não queria dizer que *fosse* simples. Portanto, ainda reinando suprema, declarou que abdicava do trono.

Agora, esta manhã, é a estreia de Delorse na sua investida para usar a coroa.

Isto tornou a minha irmã intensa e perigosa.

Ela nem se dá ao trabalho de erguer o olhar para mim ao resmungar as palavras. Não há tempo. Família e amigos esfomeados avançarão sobre nós em menos de três horas. No processo culinário ainda nem chegámos à parte de regar o peru. Por isso, a não ser que a minha irmã me consiga matar, cozinhar e servir com recheio, molho de carne e molho de arandos, não tenho a sua total atenção.

— Tu nunca dizes sim a nada.

Delorse é a filha mais velha da nossa família. Eu sou a mais nova. Separam-nos doze anos; esta diferença de idade é preenchida pelos nossos irmãos e irmãs — Elnora, James, Tony e Sandie. Com tantos irmãos entre nós, a crescer, era fácil sentirmo-nos como se as duas existíssemos no mesmo sistema solar mas nunca visitássemos os planetas da outra. Afinal, Delorse ia para a universidade quando eu entrava no infantário. Tenho vagas memórias de infância dela — Delorse entrançando o meu cabelo demasiado apertado, provocando-me dor de cabeça; Delorse a ensinar aos meus irmãos e irmãs mais velhos uma dança novíssima chamada *the bump*; a avançar pela igreja no seu casamento, eu e a minha irmã Sandie atrás a segurar a cauda do vestido, o nosso pai ao lado dela. Em criança, ela era o modelo de mulher em que me devia tornar quando crescesse. Em adulta, é uma das minhas melhores amigas. A maior parte das memórias importantes da minha vida de crescida inclui-a. Portanto, acho que é admissível que ela esteja agora aqui, a resmungar-me estas palavras. É adequado que, neste momento, seja ela a dizer-me quem devo ser quando crescer e a estar no centro daquela que será uma das memórias mais importantes da minha vida.

E este momento é importante.

Ela não sabe isso. Eu não sei isso. Não neste momento. Agora, não parece nada importante. Agora, isto parece ser a manhã de Ação de Graças e ela está cansada.

Levantou-se antes de amanhecer para me ligar e lembrar de tirar o peru de doze quilos do frigorífico a fim de descansar. Depois, percorreu de carro os quatro quarteirões da sua casa até à minha para fazer toda a comida para o nosso grande almoço de família. Ainda não são bem onze da manhã, mas ela anda atarefada há horas. A picar, a mexer, a temperar. Está a trabalhar arduamente.

E eu tenho estado a observá-la.

Não é tão mau como parece.

Não estou sem fazer *nada*.

Não sou *inútil*.

Dou-lhe coisas quando ela as pede. Tenho a minha filha de três meses amarrada ao meu peito num porta-bebés e a de ano e meio na anca. Penteei os cabelos da minha filha de onze anos, desliguei-lhe a televisão e meti-lhe um livro à força nas mãos.

E estamos a conversar. Eu e a minha irmã. Estamos a conversar. A contar as coisas em que não participámos desde, bem... ontem ou talvez o dia anterior.

Está bem. Pronto. *Eu* estou a falar.

Estou a falar. Ela está a cozinhar. Estou a falar e falar e *falar*. Tenho imenso para lhe dizer. Estou a descrever-lhe uma lista dos convites que recebi na passada semana ou assim. Alguém quer que eu vá discursar nesta conferência e alguém convidou-me para ir àquela festa chique e pediram-me que fosse aqueloutro país para conhecer aquele rei ou para participar em determinado programa. Apresento dez ou onze convites que recebi. Conto-lhe sobre todos eles em pormenor.

Admito desde já que lhes misturo alguns detalhes sumarentos, conto histórias, assento alguma linha. Estou propositadamente a vangloriar-me um pouco – a tentar que a minha irmã mais velha reaja. Quero impressioná-la. Quero que pense que sou fixe.

Escutem, cresci numa família fantástica. Os meus pais e irmãos têm muitas qualidades maravilhosas. São universalmente bonitos e espertos. E, como disse, todos parecem fetos. Mas os membros da

família mais próxima partilham todos um defeito criminoso tremendamente repugnante.

Não dão um chavo pelo meu trabalho.

Absolutamente nada.

Nenhum deles.

Nem unzinho.

Ficam perturbados quando alguém se mostra impressionado comigo. Por qualquer razão. Que as pessoas se comportem para comigo como se eu pudesse ser vagamente interessante confunde-os imenso. Olham uns para os outros, atónitos, sempre que alguém me trata como outra coisa que não seja o que eles sabem que sou – a irmãzinha mais nova, profundamente bizarra, demasiado palavrosa.

Hollywood é um sítio estranho. Aqui, é fácil perder o contacto com a realidade. Mas nada mantém melhor uma pessoa com os pés assentes no chão do que uma legião de irmãos e irmãs que, quando alguém te pede um autógrafo, perguntam num tom deveras horrorizado:

– Dela? O autógrafo da Shonda? Tem a certeza? Shonda? Não, espere, a sério, a *Shonda*? Shonda RHIMES? *Porquê?*

É superindelicado. E no entanto... pensem em quantos egos inchados se teriam salvado se toda a gente tivesse cinco irmãos mais velhos. Adoram-me. Imenso. Mas não vão aturar nenhuma treta de celebridadeVIP da miúda de óculos-fundo-de-garrafa que todos viram vomitar sopa de letras pelo alpendre das traseiras e depois cair de frente em cima das poças de vomitado.

E é por isso que ando a fazer um sapateado verbal pela cozinha, abanando o esqueleto como se estivesse a competir por um troféu de cristal. Estou a tentar fazer com que a minha irmã dê algum sinal de estar impressionada, um lampejo de que possa pensar que sou remotamente fixe. Tentar obter uma reação destas pessoas de que sou parente, bem, quase se tornou um jogo para mim. Um jogo que acredito um dia *hei de* ganhar.

Mas não hoje. A minha irmã nem se incomoda em piscar na minha direção. Em vez disso, impaciente, possivelmente cansada e talvez farta do som da minha voz a falar e falar sobre a minha lista de convites chiques, ela interrompe-me.

– Vais fazer alguma dessas coisas?

Uma pausa. Um pouco surpreendida.

– Uh? – é o que digo. – Uh?

– Esses eventos. Essas festas, conferências, programas de televisão. Dizes sim a algum deles?

Fico parada por um momento. Calada. Confusa.

Do que está ela a falar? Dizer sim?

– Bem. Não, quer dizer... não – balbucio. – Não posso... é óbvio que disse não. Quero dizer, estou ocupada.

Delorse continua de cabeça baixa. Continua a picar.

Mais tarde, quando pensar nisto, vou compreender que ela provavelmente nem sequer me ouvia. Estava talvez a pensar se havia ou não *cheddar* ralado suficiente para o macarrão com queijo que tinha de preparar a seguir. Ou a decidir quantas tartes fazer. Ou a pensar como escapar-se de cozinhar o almoço de Ação de Graças do ano seguinte. Mas, naquele momento, eu não percebo isso. Naquele momento, a minha irmã continuar de cabeça baixa SIGNIFICA alguma coisa. Naquele momento, a minha irmã continuar de cabeça baixa parece deliberado.

Profundo.

Desafiador.

Indelicado.

Tenho de me defender. Como? O que é que eu...

Naquele momento (e isto é tão fortuito que decido que o universo me *ama*), Beckett, a alegre bebé de três meses amarrada ao meu peito, decide lançar um géiser de leite que escorre pela minha camisa numa cascata quente. Na minha anca, a minha pudica filha de ano e meio, a lua para o sol que é Beckett, franze o nariz.

– Cheira-me a alguma coisa, querida – diz-me. Emerson chama a toda a gente «querida». E quando aceno para ela e tento limpar a mancha leitosa quente e malcheirosa, detenho-me. Assimilo a confusão nos meus braços.

E tenho a minha defesa.

– Beckett! Emerson! Tenho bebés!! E a Harper! Tenho uma adolescente! As adolescentes são flores delicadas! Não posso simplesmente ir a esses lugares e fazer coisas!!! Tenho crianças para cuidar!

Grito isto, do outro lado do balcão, na direção da minha irmã.

Espera. Por falar em cuidar de coisas... também tenho de cuidar de um pequeno algo chamado noites de quinta-feira. Ah! Faço um passo de vitória pela cozinha e aponto para ela. Em júbilo.

– Também tenho um trabalho! Dois! *Anatomia de Grey* e *Scandal*! Três crianças e dois trabalhos! Estou... ocupada! Sou mãe! Sou escritora! Dirijo séries!

Bam!

Sinto-me triunfante. Sou mãe. *Mãe*, bolas! Tenho filhas. TRÊS filhas. E estou a gerir duas séries de televisão ao mesmo tempo. Tenho mais de seiscentos técnicos a depender de mim para trabalhar. Sou uma mãe que trabalha. Sou mãe trabalhadora.

Como... Beyoncé.

Sim.

Exatamente como Beyoncé.

Trago a comida para casa e frito-a na frigideira. Não é uma desculpa. É um facto. Ninguém pode discutir isso. Ninguém pode discutir com a Beyoncé.

Mas esqueci-me que esta é Delorse.

Delorse pode discutir com qualquer uma.

Delorse pousa a faca. Para de cozinhar e pousa a faca. Depois levanta a cabeça e olha para mim. A minha irmã, a maior vencedora na superlotaria genética da família, está nos seus cinquenta e tais anos. Cinquenta e muitos. Os filhos são homens adultos com licenciaturas e carreiras. Tem netos. E, ainda assim, muitas vezes me perguntam se a minha irmã de cinquenta e sete anos é *minha filha*.

Às vezes, o horror disso é demasiado.

Portanto, quando ela levanta a cabeça para olhar para mim, parece mais uma atrevida de catorze anos do que a minha irmã mais velha. A sua cara atrevida de catorze anos enfrenta-me.

– Shonda.

É só o que ela diz. Mas é dito com tanta confiança...

Por isso, deixo escapar...

– Mãe *solteira*.

Ora, isto é descaramento. Vocês e eu sabemos isso. Porque, embora a definição técnica de «mãe solteira» se aplique a mim – sou mãe, sou solteira –, o seu significado cultural e coloquial não se aplica. Tentar

apropriar-me desse termo como se fosse uma mãe em dificuldades, dando o meu melhor para pôr comida na mesa, faz de mim uma imbecil. Sei isso. Vocês sabem. E, infelizmente?, Delorse também sabe.

Tenho de pôr fim à conversa. Arqueio uma sobrancelha e faço a minha cara de chefe. Aquela que mostro no escritório quando preciso que todos parem de discutir comigo.

A minha irmã está-se nas tintas para a minha cara de chefe. Mas pega de novo na faca e volta a picar.

– Lava o aipo – diz-me.

Portanto, lavo o aipo. De alguma forma, o cheiro a aipo fresco, os movimentos de lavar, a alegria de Emerson espalhando água pela bancada, tudo me embala num falso sentimento de segurança.

E é por isso que não estou preparada.

Volto-me. Entrego-lhe o aipo lavado. E sou surpreendida quando, sem parar de picar, Delorse começa a falar.

– És mãe solteira, mas não és uma *mãe solteira*. Moro a quatro quarteirões. A Sandie vive a quatro quarteirões. Os teus pais vivem a quarenta minutos e adoram ficar com as miúdas. Tens a melhor ama do mundo. Tens três amigos fantásticos que avançariam e ajudariam a qualquer momento. Estás rodeada de uma família e amigos que te adoram, pessoas que querem que sejas feliz. És dona de ti própria, o teu trabalho só é muito preenchido se quiseses. Mas não fazes mais nada além de trabalhar. Nunca te divertes. Costumavas *divertir-te tanto*. Agora, todas essas oportunidades espantosas entram na tua vida – oportunidades únicas – e não aproveitas nenhuma. Porquê?

Agito-me, desconfortável. Por qualquer razão, não gosto disto. Não gosto nada desta conversa. A minha vida está bem. É fantástica. Quer dizer, olha à volta!

Olha!

Sou... feliz.

Mais ou menos.

Sou mais ou menos feliz.

A modos que.

Mete-te na tua vida, Delorse. És chata, Delorse. Não é suposto as pessoas darem numa de Benjamin Button; por isso, a tua cara é claramente o resultado de um pacto com Satanás! Sabes que mais? Cheiras a cocó.

Mas não digo nada disto. Pelo contrário, fico ali parada imenso tempo. A vê-la picar. E finalmente respondo. Pondo apenas a quantidade certa de desenvolta arrogância na minha voz.

– Tanto faz.

Depois volto-me, esperando dar a indicação de que a conversa acabou. Dirijo-me à sala, onde suavemente coloco no berço uma Beckett a dormir. Deito Emerson na mesa para lhe pôr uma fralda limpa. Daí a pouco, vou ao primeiro andar para tentar encontrar uma blusa sem baba para usar ao almoço. A fralda está mudada. Ponho Emerson na minha anca, ajeito-lhe a cabeça no meu ombro, e viro-me para enfrentar a minha irmã à medida que me encaminho para as escadas. É então que ela as diz. As seis palavras.

Resmungas-as. Quase a meia voz.

Ao acabar de picar as cebolas.

Seis surpreendentes palavras.

– Tu nunca dizes sim a nada.

Por um segundo, o tempo para. Torna-se um momento imóvel, claro, que jamais esquecerei. Um quadro que nunca será retirado da minha parede mental. A minha irmã, numa camisola com capuz castanha, o cabelo num nó bem feito junto à nuca, ali, de pé, com a faca na mão, cabeça baixa, a pequena pilha de pedaços de cebola na tábua de cozinha à sua frente.

Lança as palavras para ali.

– Tu nunca dizes sim a nada.

Atira as palavras para ali como uma granada.

Tu nunca dizes sim a nada.

Nessa altura, a minha irmã desvia as cebolas para o lado e começa a cortar o aipo. Dirijo-me ao primeiro andar para mudar de blusa. Chega a família e os amigos. O peru assa perfeitamente. O almoço está delicioso.

A granada está ali no meio de tudo. Silenciosa. Camuflada. Não penso sobre isso.

Tu nunca dizes sim a nada.

O Dia de Ação de Graças vem e vai.